

## Maquinaria contemporânea Intersecções diagramáticas na arquitetura

*Contemporary machinery  
Diagrammatic intersections in architecture*

Maquinaria contemporânea  
Intersecciones diagramáticas en la arquitectura

SILVA, Ariadne Moraes

Mestre e Doutoranda, PPG-AU/FAUFBA, [ariadnemoraes@hotmail.com](mailto:ariadnemoraes@hotmail.com)

### RESUMO

Os procedimentos de criação no campo da arquitetura e do urbanismo na interface da filosofia, da arte e da ciência, tendo como linha de costura o diagrama, buscam um entendimento conceitual como processo operativo nos trabalhos de alguns arquitetos e artistas. Compreendido como uma máquina de forças em potencial, o diagrama não será tratado como um dispositivo estático de representação, mas como uma ferramenta processual e aberta que, elevada à sua potência diagramática, é capaz de colocar em xeque os principais enunciados hegemônicos de saberes sedimentados na produções contemporâneas. Em um plano de imanência conceitual, o artigo aponta possíveis articulações entre a lógica formal como manifestação de relações de forças de um diagrama incorporal e virtual explicitados pelos filósofos franceses Gilles Deleuze (máquina abstrata) e Michel Foucault (dispositivo de poder) e suas possíveis reverberações na interface da arquitetura. Essa atualização, assimilando a arquitetura como campo ampliado – discursivo material – de ação, de plasticidade político-cultural, de problematizações e de contaminação com outros territórios das artes, aponta reflexões instigantes: imersos em dispositivos de informação, meios digitais e comunicação quase que instantânea, a dimensão diagramática e que constrói espaços em suspensão, praticamente se multiplica. Esquemas, esboços, modelagens, simulações, linhas, contorno - a descoberta da processualidade através de diagramas se transformou em uma rede aberta e de confronto emergente.

**PALAVRAS-CHAVE:** diagrama, processos diagramáticos, projetos contemporâneos.

### ABSTRACT

*The strategies of creation in the architecture and urbanism fields, intertwined along with Philosophy, Arts and Science - sewed together by the Diagram, rummage about a conceptual understanding as a functioning process in the works of some architects and artists. Grasped as a power capacitor, the Diagram would rather be understood as a processual tool than a static representation device. This very tool (the Diagram) when thoroughly put to use is capable of bringing about a massive impact on many settled hegemonic contemporary production statements. From an inherent conceptual perspective, the article leads to possible dialogues between the formal logic - the power relations of an incorporeal and virtual diagram demonstrated by the french philosophers Gilles Deleuze (the abstract machine) and Michel Foucault (the power contrivance) - and its possible effects on the Architecture interface. Nonetheless, this update, absorbing the Architecture as a whole - material discursive - cultural/political, plastic, blending with various Art fields. It also points to intriguing notions, immersed in information gadgets, digital media and instant communication, the diagrammatic dimension*



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

*that builds spaces in suspension. Schemes, roughs, lines, strokes, modelings, simulations - the discovery of processuality through diagrams has become a wide and open net of emerging approaches.*

**KEY-WORDS:** *diagram, diagrammatic processes, contemporary projects.*

## **RESUMEN**

*Los procedimientos de creación en el campo de la arquitectura y del urbanismo en la interfaz de la filosofía, del arte y de la ciencia, teniendo como hilo de costura el diagrama, buscan un entendimiento conceptual como proceso operativo en los trabajos de algunos arquitectos y artistas. Entendido como una máquina de fuerzas en potencial, el diagrama no será tratado como un dispositivo estático de representación, pero como una herramienta procesual y abierta que, elevada a su potencia diagramática, es capaz de poner en jaque las principales enunciaciones hegemónicas de los saberes sedimentados en las producciones contemporáneas. En un plan de inmanencia conceptual, el artículo marca posibles articulaciones entre la lógica formal como manifestación de relaciones de fuerza de un diagrama incorporal y virtual explicitados por los filósofos franceses Gilles Deleuze (máquina abstracta) y Michel Foucault (dispositivo de poder) y sus posibles reverberaciones en la interfaz de la arquitectura. Esta actualización, asimilando la arquitectura como campo ampliado - discursivo material - de acción, de plasticidad político-cultural, de problematizaciones y de contaminación con otros territorios de los artes, indica reflexiones estimulantes: inmersos en dispositivos de información, medios digitales y de comunicación casi que instantánea, la dimensión diagramática y que construye espacios en suspensión, prácticamente se multiplica. Esquemas, esbozos, modelos, simulaciones, líneas, contornos - el descubrimiento de la procesualidad a través de diagramas convirtiéndose en una gran red abierta y de confrontación emergente.*

**PALABRAS-CLAVE:** *diagrama, procesos diagramáticos, proyectos contemporáneos.*

## **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo<sup>i</sup> pretende inserir a discussão do diagrama, e suas principais interferências diagramáticas, enquanto dispositivo processual e conceitual, atualizado no campo da teoria e da crítica da arquitetura e do urbanismo, porém, escapando das terminologias epistemológicas dominantes e privilegiando autores e enunciados que fazem uma crítica à representação.

Após os debates e as pesquisas desta esfera temática se centrarem, sobretudo, nas questões de forma, linguagem e representação, contudo também restritas às relações programáticas, funcionais e de desempenho (SOMOL, 2001), o conceito do diagrama emerge como singular ferramenta incorporal para discutir e trazer à tona novos discursos e dispositivos na produção da arquitetura contemporânea, tanto em seus aspectos históricos, como em seus recursos projetuais e de ação sensível do presente<sup>ii</sup>.

As grandes armadilhas produzidas pela filosofia da representação, segundo o filósofo francês Gilles Deleuze (2006), acabaram subordinando a “diferença” à “identidade” e a disseminação de um pensamento amplamente reproduzido no senso comum. Portanto, a ênfase que se persegue é dar mais potência à questão da arquitetura como esquema, processo e motor de arranque, em detrimento de seu produto final.

Os espaços arquitetônicos são, por definição, uma parte do sistema social. Cada sociedade a seu tempo tem os seus diagramas, as suas relações, os seus requisitos e as suas necessidades. O diagrama é uma espécie de *máquina abstrata*, conforme os textos de Deleuze e Guattari (1995;1997b), na qual os saberes são postos a funcionar, e emerge como instrumento de produção de arquiteturas, mas também de produção de discursos e enunciados, estendida às esferas da arte e às esferas sociais. Forma e palavra, espaço e linguagem, o diagrama é mais performático que representacional - um aparato capaz de diagramatizar e traçar planos. Segundo o professor de arquitetura e design urbano da UCLA, Robert Somol (2001, p.23):

“O trabalho diagramático é projetivo, pois abre novos (ou mais acuradamente, ‘virtuais’) territórios para a prática, bastante próximo do modo como Deleuze descreve a pintura diagramática de Francis Bacon, como que ultrapassando o viés óptico da arte abstrata, assim como a gestualidade manual da action painting.”

## 2 DIAGRAMA COMO CONCEITO

Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997b), o diagrama assume sua força máxima a partir da sua dimensão maquínica e como um conceito operacional que os permite criar um processo dinâmico de produção do próprio pensamento. Adotando essa dimensão, poderá funcionar a partir de sua conexão com outros conceitos articulados à lógica da multiplicidade<sup>iii</sup>: máquina abstrata, agenciamentos, rizoma, desterritorialização, nomadismo, resistência, devir. E, dessa maneira, pode assumir a forma de uma função diagramática.

As técnicas disciplinares, as simulações e todos os eixos espetaculares de sedução articulados entre si, formam uma grande teia de captura. O poder também opera através de uma rede de forças e espaços seriais, é um diagrama em sua máxima potência constituído de singularidades (DELEUZE, 2005, p.37).

O diagrama, sendo uma exposição das relações de forças que constituem o poder, vai desembocar na organização do poder sobre a vida: o biopoder (terminologia criada por Michel Foucault) e toda uma sistemática de dispositivos disciplinares estrategicamente rebatida sobre a urbanística e suas cartografias.

O panoptismo<sup>iv</sup> idealizado pelo jurista e filósofo inglês Jeremy Bentham, por exemplo, é um sistema arquitetural, um dispositivo, é um agenciamento óptico e luminoso que caracteriza a prisão e a vigília, ora abstratamente, como uma máquina que não apenas se aplica a uma matéria visível, mas atravessa todas as funções enunciáveis, segundo os escritos de Deleuze (idem) ao confrontar-se com a obra de Foucault (1975) – *Vigiar e Punir*. Essa fórmula opera sobre um espaço restrito em um

território repartido. E o diagrama, que não se deixa aprisionar em um mero arquivo, define-se por funções e matérias informes, ignorando toda distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não discursiva. “É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar” (ibidem, p.44).

As funções e suas matérias diagramáticas operam através de um espaço-tempo. Segundo Foucault, há uma multiplicidade de diagramas e campos sociais da história e, evidentemente, ele conecta o diagrama às sociedades disciplinares (idem). Embora existam diagramas desde as sociedades primitivas e entre-diagramas intermediários (máquinas de força) operando nos processos de transição entre uma sociedade e outra, ainda há uma tarefa árdua e instigante a ser realizada: atualizar seu conceito nas sociedades contemporâneas.

Um diagrama é sempre um devir que se conecta à história desfazendo realidades e enaltecendo territórios emergentes, tensionando criatividade. É sempre uma criação. “Ele duplica a história com um devir” (ibidem, p.45). O diagrama se define por sua indefinição, por sua instabilidade, através de uma diferença em relação a qualquer estrutura e exposição das relações de força que constituem o próprio poder. O dispositivo panóptico é capaz de fazer funcionar as relações de poder em uma função, como um mapa de relações de forças. Entre o visível e o enunciável, nessa fenda, nessa disjunção das formas, onde penetra o diagrama informal, uma máquina abstrata, ao contrário das máquinas concretas, dos agenciamentos e dos dispositivos bifformes.

É nessa nova possibilidade cartográfica, segundo Deleuze (ibidem, p.53), que a história das formas, arquivo, é duplicada por um devir das forças. É de um diagrama a outro que os mapas são traçados, através de conexões de pontos, pontos de criatividade, de mutação e de resistência. É através das lutas que se pode compreender uma sucessão de diagramas, mesmo que descontínuos.

Deleuze atualizou o diagrama *foucaultiano*, juntamente com Guattari e, sobretudo, ao analisar as sociedades de controle, as potências do devir minoritário e as máquinas de guerra nômades<sup>v</sup>. O pensamento de Deleuze emerge através de um procedimento geográfico, privilegiando o espaço em detrimento do tempo e de uma historiografia (MACHADO, 2009). Entusiasmado pelo movimentos aberrantes e intensivos encontrados na pintura diagramática do pintor irlandês Francis Bacon, Deleuze encontra na expressão desse artista um aliado para construir seu plano de imanência conceitual – um platô de criações e de sensações de intensos diagramas! Em *Francis Bacon – Lógica da Sensação* (1981) ele explora esse aspecto e, mais tarde, juntamente com Guattari, publica sua

última obra *Qu'est-ce que la philosophie* (1991), articulando as três formas de pensar: filosofia (criação de conceitos), ciência (funcivos) e arte (perceptos e afetos).

### **Lógica da sensação – entre pintura e diagrama**

Ao investigar o conceito de diagrama na pintura, Deleuze (2007b) irá mergulhar nas paisagens de Cézanne e Van Gogh, nos maquinários de Paul Klee e nos corpos deformados de Francis Bacon, instigado em converter cada técnica e expressão pictórica em um diagrama sensível do presente. Seu eixo de distinção penetra o caráter analógico do diagrama e a diferença de três tipos de analogia (expressionismo, pintura abstrata e posição diagramática), que vão permitir definir a pintura como modulação da luz e da cor em função de um espaço de signos.

O diagrama na pintura é descrito por Deleuze como um conjunto de linhas, manchas e zonas que são operatórias e “assignificantes”. Esses traços não são representativos, tão pouco narrativos ou ilustrativos. São marcas irracionais, involuntários, acidentais, livres, ao acaso (DELEUZE, 2007a, p.103).

Ao privilegiar a diferença em detrimento da identidade, Deleuze vê na obra desse artista irlandês um potente interlocutor capaz de auxiliá-lo na construção de seu pensamento imanente. As telas ou trípticos de Bacon não têm compromisso com a representação nem com a narrativa (contar uma história, por exemplo). Nesse aspecto, a pintura deve extrair a figura do figurativo, ou seja, da pura representação e do que ela deve significar, remetendo-a ao campo das forças e das sensações. Esse entendimento é fundamental para compreender a singularidade do pensamento deleuzeano como um valoroso aliado na construção da intensidade diagramática que se procura atualizar na contemporaneidade e conectar à alguns *modus operandi* que se alinhem com algumas perspectivas de escapes.

Francis Bacon é um artista que não reproduz ou inventa formas, mas é capaz de captar e pintar forças! Assim como o músico, crítico de teatro e pintor Paul Klee, ele torna visíveis forças que não são visíveis, estreitando as relações entre a arte não figurativa e a sensação, potencializando a deformação e o esboço através da subversão diagramática de um sistema racional.

Os dispositivos presentes na pintura de Bacon permitirão a Deleuze explorar ao máximo essas concepções, operando, dentro de uma rede conceitual, conexões cada vez mais ampliadas que possibilitem pensar transformações potencializadas pelo que David Lapoujade (2013) chama de “movimentos aberrantes” e suas lógicas irracionais. A obra de ambos são práticas de transgressão.



## PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Transgredir ganha um sentido importante pois, em diferentes modos e dimensões, fazer front ao que é imposto pelo sistema, pelo mercado ou por políticas de ordenamento/controlado é uma forma de resistência. Ao resistir ou transgredir criativamente, engendrando novas formas de pensar, de agir politicamente ou até de inventar novos espaços, libera lugar para uma série de experimentações que irão nos auxiliar a refletir sobre o mundo contemporâneo. O universo da arquitetura, inclusive, está recheado dos mais diversos clichês e saberes/dispositivos sedimentados e formados historicamente, com as quais é preciso colocar em xeque, questionar, rachar, romper.

Quando o arquiteto americano Peter Eisenman (2001) escreveu *Diagram Diaries*, ele revisitou suas principais obras e projetos, aqueles que foram gerados a partir do processo diagramático, atualizando o conceito deleuzeano no campo da teoria e da crítica arquitetônica. Ele refletiu sobre o uso do diagrama nas criações de suas arquiteturas, defendendo a intensidade da conexão do uso do diagrama não apenas enquanto processo projetual, mas enquanto um conceito incorporal, uma máquina de forças, muito próximo ao traçado por Deleuze ao examinar as pinturas de Bacon. Eisenman estava influenciado, na época, por uma filosofia da diferença, e se abrigou de conceitos estruturados por pensadores como Michel Foucault e Jacques Derrida, refletindo sobre o mundo da representação e a crítica que se faz sobre ele, se apropriando de ideias que atravessavam a filosofia da desconstrução.

Eisenman é um dos poucos arquitetos do star system que conseguiu revelar, naquele período, tais provocações (e uma certa crise do pensamento) no rebatimento dos processos de suas arquiteturas, se (re)singularizando ao trazer para suas formulações um discurso crítico e prospectivo sobre as artes. Qual é a sua contribuição? Além de expor o seu *modus operandi* e abrir a suposta caixa preta, a materialização de suas intenções de projeto se confunde com o próprio processo gerador, a partir da ênfase no modo de fazer, na penetração do espaço de transição e intermediário, que se apresenta antes do objeto pronto.

O diagrama no trabalho de Peter Eisenman é uma obra de arte em si mesmo, se apresentando de formas irregulares ou abstratas, sempre em processo e em trânsito, ele se abre aos nossos olhos e revela as estruturas de sua interioridade. E nesse sentido ele quer ser arquitetura! “O diagrama é a possibilidade do fato e não o fato em si mesmo”. (DELEUZE, 2007a, p.112).

### 3 ARQUITETURA COMO CAMPO AMPLIADO

O diagrama transita em um campo ampliado de intensidades e pode ser traçado, materializando processos e devires os mais diversos. Esse território ampliado abre espaço para outras implicações: o diagrama também pode ser compreendido como um dispositivo disciplinar, que situa e desfaz oposições institucionais e discursivas, a exemplo do panoptismo sugerido por Foucault (1979); um dispositivo que sugere um modo alternativo de repetição – Somol (2001, p.8) coloca que essa repetição pode ser capaz de se desviar das obras de vanguardas modernas e vislumbrar a repetição como produção da diferença. Ou ainda, em uma construção dinâmica diagramática, a percepção de uma infra-estrutura invisível do “formalismo” (BASBAUM, 2006, p.66).

Nesse jogo diagramático, surgem muitas possibilidades e interpretações. Rovenir Duarte (2012) aproxima o diagrama de uma rede complexa de relações, podendo ser compreendido como meio analítico e de notação, mas por outro cumprir o papel de síntese e gerador. Alguns problemas retóricos, inclusive, já foram levantados por teóricos e arquitetos que se debruçaram sobre o tema: quando o diagrama transita entre sua “imprecisão formal” e se perde no meio de tantos modelos parametrizáveis (incluindo aí registros, redes de dados, mecanização programática e tecnologias digitais) ou, mais embaraçoso ainda, quando a forma arquitetônica torna-se a imagem construída do diagrama e este perde a sua potência diagramática.

Segundo Deleuze (2007a, p.102), existe um trabalho preparatório muito árduo, quase excessivo, que precede o ato propriamente dito de pintar ou de projetar, e esse trabalho muitas vezes é invisível e silencioso. O ato de projetar, no percurso transcorrido pelos arquitetos, pode se encontrar em um momento no qual o diagrama e suas formas abstratas precisam dialogar com o programa arquitetônico estabelecido para o edifício e, dessa maneira, ele sofrerá mais do que adaptações, principalmente nas adequações de escalas, na sua inserção no sítio (implantação) e até na sua representação gráfica no plano cartesiano (aspecto de desenho construtivo – as plantas do projeto). Mas o diagrama jamais será arquitetura! O diagrama pode ser um caminho que nos leva a materialização, porém, a força diagramática será muito mais intensa em sua potência virtual.

(...) arquitetura e o urbanismo é, mais do que qualquer outra disciplina, uma negociação entre abstração e forma física, onde a infraestrutura edificada é composta por pontos de cruzamentos entre sistemas técnicos, sociais e culturais díspares a partir dos quais a forma urbana emerge (LYNN, 2005, p.227).

Pode-se dizer que o diagrama em arquitetura é um sistema de forças, sendo possível utilizá-lo enquanto campo perceptivo através da materialização de um dispositivo conceitual revelado pelo desenho, mapas ou modelos em transformação, permeando o processo de criação.

Robert Somol (2001, p.23) atualiza bem esse discurso, ao afirmar que uma prática diagramática – que de fato flutua em torno de obstáculos sem a nada resistir, em contraposição à visão tectônica da arquitetura como signo legível da construção que pretende preservar seu estatuto potencial como comodidade e especulação cultural – tem a potência de multiplicar processos significantes, sejam tecnológicos ou linguísticos, na plenitude da matéria, reconhecendo signos como cúmplices na construção de máquinas sociais específicas. O papel do arquiteto, neste tipo de modulação, é dissipado, uma vez que se torna um organizador e canalizador de informação que não se restringem a um universo limitado, mas, sobretudo, onde forças não específicas emergem – sociais, econômicas, culturais, ambientais, globais e locais. E é, exatamente, pelo significado do diagrama que estes novos problemas e atividades – entrelaçadas às suas variadas ecologias e multiplicidades – podem se tornar visíveis e relacionados (ibidem, p.24).

Como nas linhas dos pintores Klee, Kandinsky ou Pollock, os diagramas arquiteturais que transitam entre espacialidades muitas vezes estranhas ao olho do observador, mas que evoca uma geometria do sensível em suas tensões espaciais, muito comuns nos processos contemporâneos – planos verticais, horizontais e transversais que se fundem em profundidade e ao mesmo tempo revelam pontos em desequilíbrio, poderão ser verificados nas explosões e fragmentações da matemática sensível da arquiteta iraniana Zaha Hadid, nas intuições, devaneios e simulações do arquiteto americano Frank Gehry, no ciberespaço do artista Marcos Novak, na arquitetura fluída do grupo NOX, na virtualidade de Greg Lynn ou simplesmente nas linhas surreais dos austríacos Coop Himme(l)blau.

A arquitetura desempenha um papel privilegiado aqui, pois revisitando-a através de seus diagramas e desenhos, o ato projetual tem a capacidade de libertar a imaginação a partir da experiência tridimensional. E mais, segundo Sanford Kwinter (2012, p.127), libertá-la da manipulação dos processos invisíveis e ocultos, direcionando-a ao âmago dos processos e dos eventos.

Os diagramas em sua composição de forças determinam outros campos de fuga visual e possibilitam aberturas para novos territórios e práticas que se proliferem por horizontes outros, que não deixem escapar a tensão. Os processos diagramáticos podem gerar proposições não-lineares, simultâneas,

nem sempre conclusivas, mas que possibilitam conexões sincrônicas entre realidades conceituais, objetuais e gestuais possíveis de serem articuladas ao projeto, aos mapas (EISENMAN, 2001).

Para o arquiteto e professor Anthony Vidler (Apud Fracalossi, 2012) - The Irwin S. Chanin School of Architecture of The Cooper Union -, após várias décadas de autonomia auto-imposta, a arquitetura entrou recentemente em um grande campo expandido, como pode-se observar abaixo:

Contra o neorracionalismo, a teoria da linguagem pura e a febre da citação pós-moderna, a arquitetura – como a escultura algumas décadas antes – encontrou uma nova inspiração formal e programática em uma série de disciplinas e tecnologias, de arquitetura da paisagem até animação digital. Onde os teóricos anteriores tentaram identificar bases únicas e essenciais para a arquitetura, agora multiplicidade e pluralidade são celebradas, como fluxos, redes, e mapas substituem grades, estruturas e história. Onde os argumentos uma vez travaram-se entre fontes corbusianas e palladianas, agora Henri Bergson e Gilles Deleuze são estudados por sua antecipação de processos não-formais. Bolhas, enxames, cristais e teias proliferam como paradigmas da forma construída, enquanto o software substituiu meios tradicionais de representação com efeito dinâmico.

Em suas investigações, Vidler constata que os diagramas entraram em um campo já repleto de tipos de desenhos, desde o esboço até o partido, e transformaram-no em um domínio pronto para a computação avançada. Se, em um primeiro momento, os diferentes diagramas foram suscitados na “tentativa de ultrapassar os conceitos binários do modernismo, a fim de enquadrar um novo campo de ação para a arquitetura que incorpora forma e função dentro de uma matriz de informação e sua animação” (idem), esse dispositivo tem sido fabricado como um modo pronto de acessar e motivar o diálogo da arquitetura através de meios digitais.

Segundo Cabral Filho (2005, p.77) alguns poucos arquitetos começaram a propor objetos arquitetônicos híbridos, não apenas em seus processos, mas assumindo novas formas de mediação tecnológica e buscando a instauração de um lugar que seja mais adequado aos nossos dias. Na verdade, essa questão não fica restrita ao espaço arquitetônico; a própria poética dos modelos de simulação também não deixam de ser uma arte híbrida nos seus sistemas numéricos. No plano conceitual, surgem vocábulos como: motor de arranque, procedimentos de oscilação, paisagens de adequação, sistemas nebulosos, horizontes fragmentários (SILVA, 2009, p.172).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

São questões instigantes, as quais ainda precisam ser atualizadas no campo virtual e expressivo de dimensões conceituais onde se estabelecem a materialidade, a espacialidade, o “decalque”, a



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

intertextualidade e a autonomia frente às máquinas abstratas singulares das nossas cidades. O novo papel híbrido do arquiteto crítico sugere a coincidência e a cumplicidade entre a condição formal “interna” e a construção “externa” da subjetividade.

Na interface da arquitetura, mais do que materialidades ou formas sofisticadas, são as forças e as provocações oriundas desses processos que instigam outras formas de pensar e experimentar.

## 5 REFERÊNCIAS

- BASBAUM, Ricardo. Diagramação e processos de transformação. In: CRUZ, Jorge (org). Gilles Deleuze: Sentidos e Expressões. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006, p.65-92.
- CABRAL FILHO, José. Arquitetura como instrumento ético frente às tecnologias de disjunção espaço-tempo. In: MALARD, Ma. Lúcia (org.). Cinco Textos sobre Arquitetura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p.65-77.
- DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 1a edição, 2a edição, 2006.
- DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. Francis Bacon: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.
- DELEUZE, Gilles. Pintura – el concepto de diagrama. Buenos Aires: Cactus, 2007b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, V.1, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, V.5, 1997b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Qu'est-ce que la philosophie. Paris : Les Éditions de Minuit, 1991.
- DUARTE, Rovenir. Radicalizando por diagramas. São Paulo: Portal Vitruvius, abril de 2012.
- EISENMAN, Peter. Diagram Diaries. London: Thames & Hudson, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. Surveiller et punir – naissance de la prison. Paris : Gallimard, 1975.
- FRACALLOSSI, Igor. Campo expandido da arquitetura. São Paulo: Portal Archdaily, julho de 2012.
- KWINTER, Sanford. The Hammer and the song. In GARCIA, Mark. The diagrams of architecture. London: John Wiley & Sons Ltd, 2012, p.122-127.
- LAPOUJADE, David. O pensamento enquanto prática imanente decorrente da experiência vivida, segundo a singularidade deleuziana. Palestra. São Paulo: 2013. Disponível no site acessado em 06/12/2013: <http://vimeo.com/77238678>
- LYNN, Greg. Folds, Bodies e Blobs. Bruxelles: Ed. La Lettre Volée, 2005.
- MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2009
- SILVA, Ariadne Moraes. Entre processos e perceptos – arquiteturas contemporâneas: multiplicidade e heterogeneidade de expressões estéticas. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. 218f.
- SOMOL, Robert. Dummy Text, or The Diagrammatic Basis of Contemporary Architecture. In: EISENMAN, Peter. Diagram Diaries. London: Thames & Hudson, 2001, p.6-25



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

---

## NOTAS

<sup>i</sup> O presente artigo é parte integrante da tese de doutorado intitulada *O conceito de diagrama na interface da arquitetura – a emergência da abordagem diagramática na produção contemporânea*, desenvolvida dentro da linha de pesquisa *Teoria e Crítica da Arquitetura e do Urbanismo* pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/FAUFBA – sob orientação do Prof. Dr. Pasqualino Romano Magnavita, bolsista CAPES/PDSE (estágio doutoral no exterior) na Université Paris 8, sob supervisão do Prof. Dr. François Soulages.

ii Evocando a visibilidade das forças e sensações enquanto potência de criação – perceptivas e afetivas –, rompendo a hierarquia e a separação das artes (DELEUZE, 2007a).

iii Em oposição à lógica binária e arborescente, Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentam, a partir de uma série de enunciados, uma quebra com o sistema hierárquico e ordenado, ou seja, propõem uma rede de pensamentos que cria uma ruptura com o próprio pensamento piramidal – rizoma. Um desses princípios é exatamente o princípio da multiplicidade – “uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mudem de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.16).

iv O panóptico, seria o diagrama de um mecanismo de poder levado à sua forma ideal. Esse sistema representava também uma maneira de definir relações de poderes com a vida cotidiana dos indivíduos. Um aparelho utilitarista, higienizado, controlado e regulado. As cidades pré-modernas do século XVII, em quarentena por conta da peste, eram esquadrihadas, setorizadas e vigiadas. Michel Foucault, nas obras “Microfísica do poder” (1979) e “Surveiller et punir” (1975), investigou as sociedades disciplinares e suas formas de ordenamento do espaço, seus sistemas de vigilância, o controle do tempo e a punição do indivíduo, incluindo o processo de sujeição, normatização e, porque não, domesticação do seu corpo físico e mental.

v Conferir em DELEUZE; GUATTARI (1997b). Capítulos: Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra (p.11-110) / Aparelho de Captura (p.111-177).